

Faculdade do Pará Estácio- Fap

Curso de Design de Moda

Joyce Carla dos Santos da Luz

A Poética da Imagem na Fotografia de Luiz Braga

Coleção de moda casual feminina: Retratos Cotidianos

Belém

2016

Joyce Carla dos Santos da Luz

A Poética da Imagem na Fotografia de Luiz Braga
Coleção de moda casual feminina: Retratos Cotidianos

Belém

2016

A Poética da Imagem na Fotografia de Luiz Braga.

Coleção de moda casual feminina: Retratos Cotidianos

Resumo

A fotografia foi evoluindo na qualidade de registros, e, após concorrer a um espaço nos pódios artísticos, tem hoje inúmeras funções nas mais variadas áreas. A arte, que sempre inspirou criadores de moda no século XX, ampliou-se em vários movimentos. Na década de 60, a modelagem trapézio para vestidos possibilitou a popularização de artistas por meio de estampas, dando um visual criativo, descontraído e jovem. A imagem é um grande meio de comunicação, pode mudar de mensagem dependendo de seu ângulo, cor, entre outras formas. Pode-se também adaptá-la a diversas linguagens. O *Poster Dress* é uma forte referência visual, mostrando a relação de publicidade e moda. O formato trapézio é prático para um reposicionamento de imagens que amplia as interpretações permitindo serem vestidas.

Palavras Chave: Fotografia / 60's/ Poesia/ Reinterpretação/ Desconstrução

Abstract

Photography has unfolded as registrations. And, after competing for space on artistic podiums, has nowadays several functions in the most varied areas. Art, which always inspired fashion creators, in the twentieth century expanded in many aspects. In the sixties the trapeze modeling made the artists popularization possible in products like printings, bringing out a creative, relaxed and young appearance. Image is a great means of communication; can change the message depending on its angle, color, and other forms. We can also adapt it to several other languages. The *Poster Dress* is a strong visual reference, showing the connection between publicity and fashion. The trapeze format is practical for positioning of images which broaden interpretations allowing it to be worn.

Key Words: Photography/ 60's/ Poetry/ Reinterpretation/ Deconstruction

Introdução

A imagem sempre esteve presente desde as antigas civilizações até hoje para comunicação ou registro cotidiano. Durante séculos, vários cientistas persistiram na pesquisa da captura de imagens, desde estudo de óptica a produtos químicos que pudessem fixar a imagem permitindo tê-la materialmente. A primeira fotografia da história, que tem o nome de “*Vista dã Jane La ém Le Gras*”, de 1826, foi feita pelo francês Joseph Nicéphore Niépce, porém o nascimento oficial da fotografia acontece no ano de 1839, após a primeira comercialização de processo fotográfico, chamado Daguerreótipo. Foram degraus de descobertas, que hoje continuam evoluindo também na praticidade do aparelho fotográfico.

Figura 1- A primeira fotografia da história



Fonte: manualdomundo.com Acesso em 20/02/2016

A presente pesquisa busca estudar a imagem e a comunicação que ela transmite e os significados dessa mensagem. O objeto de estudo é a fotografia de Luiz Braga, fotógrafo paraense renomado e que costuma retratar o cotidiano da cidade de Belém e das periferias do estado do Pará. Para o desenvolvimento do presente estudo foi escolhida a série de fotos do período de 1985 a 1989, cuja principal característica é a saturação das imagens. Luiz Braga é um importante fotógrafo de Belém, que com suas imagens tem contribuído para um melhor conhecimento e entendimento da identidade amazônica.

O objetivo da pesquisa é buscar a poética da imagem, desconstruí-la, dando um novo olhar baseado nos registros do fotógrafo, e a partir de fragmentos da imagem, desenvolver estampas para vestidos inspirados no *poster dress* da década de 60 e suas ligações com a arte, trazendo releituras em linguagem verbal.

Uso da fotografia

A chegada da fotografia causou desconforto no mundo artístico. A facilidade e a realidade trazidas fizeram com que se iniciasse uma série de debates e movimentações entre os artistas da época.

A fotografia começou pela área ilustrativa com experimentações, pois a imagem produzida artesanalmente dominava a época. O realismo visual orientava pinceladas. Ainda não “se carregando” de maneira independente, a fotografia começou a interagir com a pintura para melhor se encaixar num conceito de arte da época, inclinando-se mais para o lado da terceira arte. Este prenúncio de manipulação de imagem recebeu o nome de “pictorialismo”: a foto “vestida” por pincéis.

A fotografia consegue melhor abertura no modernismo, cuja “verdade dos materiais” era um dos mantras do movimento. Indo além de uma ilustração, a fotografia começa a ter voz em outros meios, como fotojornalismo e captura de variados temas. A preocupação passa a ser com as técnicas e a estética do olhar, o trabalho do olhar, do que se enquadra, a emoção no segundo que se guarda e a carga e valor que se dá a esse registro.

Quando se fala de imagem, criam-se confrontos semelhantes em função da importância dos elementos que compõem a cena. A fotografia é a representação estática do cinema que pode alterar o contexto do filme, desenvolvendo um tema independente. No desenvolvimento de uma fotografia, existem várias técnicas, para a escolha de tom, cores, lente, ajustes no equipamento e outros. Cada autor cria sua “padronagem” de construção de conceito fotográfico. Além de técnicas, o diferencial está no olhar. Tal pensamento é reforçado nas palavras de Salkeld:

Dito isso, pode-se melhor encarar o processo não como “tomar” ou “tirar” fotografias (como se a imagem já estivesse formada e simplesmente aguardasse ser recolhida), e sim como fazê-las ou construí-las. (SALKELD, 2014, pag.48).

A fotografia constrói um sonho deixando de ser apenas realidade estática. Significados são feitos, não encontrados, modificam-se a cada ideologia, e variam de acordo com a visão de quem aprecia. A imagem sussurra o que cada um pode ouvir dela. Talvez seja útil lembrar que o próprio aparato da fotografia se oferece como uma metáfora das formas de ver – a câmera como “ponto de vista”. (SALKELD, 2014, pag. 58)

A fotografia tomou uma posição mais importante, pois nossa cultura dominante pela linguagem se desloca sensivelmente para o nível icônico, tendo a visão um espaço essencial na sociedade, ver é aumenta a capacidade compreender uma mensagem visual tornando parte comunicação. (DONDI,2003)

Sem modo automático e fora de série, a fotografia se multiplica e proporciona registros específicos para diversas áreas como jornalismo-fotojornalismo- que junto ao escrito, tem grande importância, pois ilustra transmitindo o noticiário para melhor entendimento, ou mesmo é responsável por “convidar” o leitor à determinada matéria; a moda, onde a construção de um imaginário pode compor o conceito de uma coleção, marca, estação, produto.

Moda e arte: um curto comentário.

Os criadores de moda têm acatado com reverência obras de grandes pintores da história da arte. Uma análise nos campos paralelos da moda e da arte indica haver nítida interação entre ambos. Na criação da imagem desejada, a pesquisa, a inspiração, a criação, a textura e a adaptação dão sentido a linhas, a formas, a volumes, a cores, a texturas e até materiais.” (PEZZOLO, 2013, p. 9)

Proteger-se era o objetivo principal desde o início da história do homem. Mas o valor de seus adornos já era uma mensagem para sociedade da época. O homem sempre buscou formas de comunicação em traços feitos em cavernas, telas, tecidos e outros. Através destes registros, foi possível conhecer costumes e se achou justificativas para os dias e avanços de hoje.

A moda que se ilustra no corpo há séculos, é uma arte jovem, pois também transmite sensações e ideias a outros, pois segundo Tolstoi (2012, p. 76), a arte consiste na comunicação humana expressada por “sinais exteriores”

com sentimentos e vivências que possam “contaminar” os outros com esses sentimentos. Pode-se dizer que ela é a arte mais presente no cotidiano de todos, que mesmo inconsciente, é uma comunicação, ainda que “silenciosa”.

A moda faz a sua própria sequência de imagens em seu meio formal particular, o qual tem a sua história específica, ela não cria simplesmente um espelho visual direto dos fatos culturais. [...] Elas formam uma arte sequencial, uma junção emblemática da vida, um análogo visual do tipo experiência comum que se baseia nos fatos sociais (HOLLANDER, 1996, p.29)

Artistas do século XX, no mundo repleto de informações, “refugiaram-se” em inspirações guardadas no tempo, desenvolvendo releituras cobiçadas nas passarelas contemporâneas. Salvador Dali, por Schiaparelli e Mondrian, por Yves Saint Laurent são exemplos. Suas criações se desenvolvem por olhares diferentes a partir da obra ou das coleções passadas. E isso continua a acontecer no século XXI.

Figura 2: “Mondrian” by Yves Saint Laurent, 1966 (Collection Pop Art)



Figura 3: Vestido lagosta Schiaparelli 1937



(Fonte-Pinterest.com Acesso em 20/ 02/2016) (Fonte-Faroartese psicologia.blogspot.com Acesso

em 20/02/2016)

A Década de 60, a forma trapézio, o Poster Dress

Vestidos que tinham uma modelagem mais próxima ao corpo na parte superior à altura do colo e que abriam diagonalmente em direção às pernas, criando uma silhueta solta que recebeu o nome de “linha trapézio”, pois assemelhava-se planificadamente a essa figura geométrica.” (BRAGA, 2013)

No século XX a moda acompanhou movimentos artísticos que resultaram na mudança de *shapes* e estética das peças, tais como Cubismo, Art Déco e surrealismo. As cinturas que subiam e desciam, os volumes se locomovendo pelos anos. A década de 60 tem como ícone a modelagem trapézio. Essa forma foi uma inovação trazida por Yves Saint Laurent, em 1958, em sua primeira coleção que se tornou um sucesso entre o público jovem. Como define Penzzolo:

Na década de 60, nos Estados Unidos surge a Pop Art. Formas, cor, artistas, publicidade e temas cotidianos era exaltado em suas obras. Latas de conservas, lapadas, fios, automóveis e até imagens de estrelas do cinema ganhavam realce de cores fortes, brilhantes, geralmente dentro da técnica de serigrafia.” (PENZZOLO, 2013, p. 170)

Um dos maiores destaques desse movimento foi Andy Warhol (1930 – 1987) com criações ícones do movimento como o do rosto de personalidades como Marilyn Monroe e o clássico *Souper Dress* de 1968

Figura 4- *Souper Dress* de Andy Warhol, 1962



(Fonte: pinterest.com Acesso 20/02/2016)

Os vestidos de papel começaram em 1966 em uma promoção de marketing, na Filadélfia, que foi um sucesso e estimulou outros fabricantes para promover roupas de papel. Uma peça descontraída, acessível e de fácil customização. Os vestidos tinham características da pop-arte, por carregar anúncios, como a Campbell de Warhol, e outras obras de arte. Mas, por causar

alguns desconfortos, os vestidos no final da década já tinham sido retirados para museus.

Figura 5: *Poster Dress* de Harry Gordon



(Fonte: Pinterest.com Acesso 22/02 2016)

Figura 6: *Poster Dress*- Bob Dylan de Harry Gordon



(Fonte: Atopos.gr Acesso 20/02/2016)

O fotógrafo Luiz Braga

O domínio da Luz e a paleta de cores estridentes e peculiares com a qual passa a ser referência na fotografia contemporânea brasileira (Site Luiz Braga, 2015)

Realizou mais de 200 exposições entre individuais e coletivas no Brasil e no exterior. Suas fotografias compõem coleções públicas e privadas importantes, como: Museu de Arte Moderna de São Paulo, Centro Português de Fotografia, Miami Art Museum, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Pinacoteca do Estado de São Paulo e MAR Museu de Arte do Rio.” (Site Luiz Braga, 2015 www.luizbraga.fot.br Acesso em Fev /2016)

Nascido no ano de 1956, em Belém-Pa, teve um jovem contato com a construção de imagens. Paralelo a sua graduação em Arquitetura, monta seu primeiro estúdio e seu foco foi a fotografia em preto e branco, tendo feito suas primeiras exposições no período de 1979 a 1980. Em seus caminhos, Luiz começa a vivenciar a experiência das cores, o que o levou a participar do projeto Visibilidade Popular da Amazônia a convite da Fundação Nacional de Arte. O resultado com o título “No Olho da Rua” foi exposto em São Paulo em 1984, série que retratou o cotidiano do caboclo amazônico. O artista retorna ao

preto e branco com “A Margem do Olhar” (1985 a 1987) e teve as fotos nacionalmente exibidas em 1988, recebendo o Prêmio Marc Ferrez, conferido pelo Instituto Nacional da Fotografia. Em 1991, experimentações em luz e filme colorido daylight resultam no ensaio “Anos Luz”, e foi premiado com o “*Leopold Godowsky Color Photography Awards*” da *Boston University*.

Em 2004, inicia a série *Nightvisions*, experimentação de imagens captadas com infravermelho. Os “Retratos Amazônicos”, no MAM/SP, e “Arraial da Luz” num parque de diversões em Belém celebraram os 30 anos de carreira do artista. Representou o Brasil, em 2009, na 53ª Bienal de Veneza. Em 2014, “Retumbante Natureza Humanizada” expôs imagens inéditas que reuniam suas fases e técnicas e esta foi premiada como a melhor exposição do ano de fotografia pela APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte). No mesmo ano, lança o livro “Luiz Braga” com sua trajetória.

Processo de escolha da Fotografia

Figura 7: Lâmpada de Açaí, 1987



(Fonte: Site Luiz Braga, 2015 www.luizbraga.fot.br Acesso em 20/02 /2016)

As imagens selecionadas são do período de 1985 a 1989. A unidade sentida entre essas fotos foi o que motivou a escolha delas. Além dos elementos característicos da região, notou-se, durante a leitura das imagens, pontos geométricos, alguns singelos, que mostram bem uma das identidades do fotógrafo.

Figura 8: Janela Rio Guamá, 1988



(Fonte: Site Luiz Braga, 2015 www.luizbraga.fot.br Acesso em 20/02/2016)

Molduras que enquadram um tempo sempre diluído em cores saturadas que são realçadas com luzes. Personagens simples compondo a realidade do ambiente. Cotidiano constante, súbito, amplia a imaginação sobre o mundo registrado.

Figura 9: Vulto no Porto Pureza, 1888



(Fonte: Site Luiz Braga, 2015 www.luizbraga.fot.br Acesso em Fev /2016)

Análise Poética da Imagem.

Uma leitura individual das imagens, que no processo de busca de seu sentido, tem como base uma suave e inescapável semiótica. Usou-se aqui, o método desenvolvido por Greimais no livro Elemento da Análise dos Discursos,

de José Luiz Fiorin, que busca alguns elementos da gramática da linguagem com a finalidade de melhor esclarecer e possibilitar a construção de um texto, também, uma “capacitação” prática de bons leitores, a base de tudo.

Para Fiorin, (2014), o percurso gerativo do discurso passa por vários estágios, cada vez mais propenso a uma descrição que melhor interprete e de sentido ao processo de uma análise. Partindo de dois conceitos: uma compreensão, com justificativas já esclarecidas e o entendimento que expõe a técnica de criação do sentido. Como base desse pensamento, está a escrita: “[...] escritura como gesto de reproduzir textos já produzidos; o outro, como produção de sentidos a partir das possibilidades [...]” (FIORIN, 2014, p.11)

Durante o percurso gerativo de sentido, surgem três níveis que levam para uma interpretação: o profundo (ou fundamental), que é a base para elaboração do texto, firma-se em oposições de ideias que tenham uma unidade como ponto de diferença; narrativo, que pode ser uma narratividade, é uma transição no relato, e a narração que é um contexto de início ao fim. Com a narrativa, encontram-se dois enunciados elementares: o de estado mostra a ligação do sujeito e objeto, e o de fazer expõe a transição de uma condição a outra; e o discursivo é a superfície inteira da obra, detalhes marcantes e muitas vezes imperceptíveis.

A fotografia é sempre feita de dois olhares: a de quem a constrói e a de quem a lê. A individualidade de interpretação sem aceitação de outros é o grande gerador de conflitos. As várias interpretações que uma imagem pode oferecer mostram que o ponto de vista do criador deve estar aberto a outras ‘verdades’.

A partir das fotografias analisadas, destacaram-se fragmentos, pontos exatos de visão com características de cor, forma e personagem. Seguindo linhas, construindo cortes, desenvolveu-se uma nova imagem, uma união de identidades. As fotografias são descritas em poesias individualmente de acordo com sua sensação.

Figura 10: Junção dos fragmentos das fotografias selecionadas. (Fonte: Da Autora, 2016)



Lâmpada de Açaí



Azul escuro me trás serenidade. Com interferências de outras cores e tonalidades, nota-se mudança e com a entrada de branco, que recebe qualquer tom, essa serenidade se desfaz. Uma metamorfose em ritmo de ar, que circulando também agita as bandeiras que remetem a festividades. A perspectiva da imagem deixa mais alto o ponto vermelho, cor que traz energia e transmite força, remetendo à sedução.

Tempo é cor. Vento que gira os ponteiros. Festejada
luz. Atraente tonalidade,

breve alvoroço.

Janela Rio Guamá



Afastado, trânsito, flutuante, a inquieta estrada variante.
A geometria que enquadra fotografias que se movem de uma *janela* a outra.
Os tons me lembram *doçura* e a *luz* interna me faz pensar nos trabalhos que
começam cedo, que recebem a chegada da tripulação do dia.

O Sol. Um copo de café adoçado.

A mudança de turno das luzes.

Amanhecida vista pela

Janela

receptiva,

a espera dos que pausam para seguir rio.

Vulto no Porto Pureza



Amanhece. A movimentação que vai aumentando com a luz. Imagens bruscas uma *correria*, e diante de um rio, penso num *distanciamento*, num susto. *Frustração*. No embalo aquarelado de céu a rio, o *tempo* no seu ritmo latejante.

Mesmo que cedo, tarde demais

Litros de distância. Afogar-se de saudade.

A impotência de 'correr atrás' do que já partiu

Toda luz nova é um tempo que envelhece.

Metodologia

A partir de uma breve análise semiótica, fez-se uma interpretação das fotografias em jogo de palavras e montagens que resultaram em pequenas poesias. Os fragmentos escolhidos e o nome das imagens foram também pontos de partida para o desenvolvimento dos manuscritos, o principal motivo da análise.

Coleção " Retratos Cotidianos "

Uma poesia de cada imagem e a reconstrução de um olhar a partir de fragmentos e junções das fotografias de Luiz Braga foi a inspiração para a coleção. Desenvolveu-se uma estampa que aplicada em costura e bordado transita pelos vestidos linha A. Os manuscritos de *sketch book* que resultaram na poesia verbal inspirada nas imagens estampam o debrum nas "periferias" do vestido. Texturização de verbos e outros adereços interagem com a imagem. Vestindo mulheres de 20 a 30 anos de cotidiano cultural e corrido, as peças confeccionadas em algodão cru e linho, oferecem praticidade e feminilidade para a mulher contemporânea.

Considerações finais

A pesquisa teve o objetivo de mostrar a modificação da linguagem e o desenvolvimento da arte sobre cada olhar de forma sensível e individual. Reconstruções de pontos de vista como uma forma de criar e customizar um cotidiano. A jovialidade e o *shape* da década de 60 permitem que a delicadeza de uma poesia se enquadre na peça equilibrando a alma de ambos. O Poster Dress possibilitou a referência de escritas registradas em papel que podem ser vestidas.

A fotografia é construída pra transitar também em mentes, ela não precisa se enquadrar e ter somente uma determinada função. Enriquecendo possibilidades, ela pode se adaptar a qualquer universo com suas interpretações, sendo usada em qualquer ocasião. Com a moda, a fotografia é

prova de que a junção de linguagens amplia a comunicação e a expressão de um artista. E este contato com diversas linguagens é importante para um processo criativo e para a construção de um diferencial.

O distanciamento com o que é retratado na imagem tem contrapontos, pois a falta de vivência delas ao mesmo tempo que pode construir um bloqueio, estimula a busca do entendimento daquela realidade. Sonhar uma fotografia e não poder tê-la é oportunidade para desenvolvê-la de maneira diferente. Escrevê-la é carregar por extenso tudo o que é sussurrado numa imagem. Individualmente. A construção de poesias a partir de fotografias é girar um círculo de pensamentos, pois palavras criam novas imagens e mesmo quando faltam palavras, não faltam paisagens.

Constatou-se que a busca pela interpretação da imagem é algo que precisa ser desenvolvido. Desde a chegada da fotografia, sua realidade tem tido admirações ofuscadas por ser logo comparada a obras que buscam técnicas que recriam a realidade, como pinturas, esculturas e outras. Os métodos de execução da realidade visual ainda são mais intrigantes do que a justificativa de um registro, o que motivou um determinado foco ou técnica.

Referências

- BRAGA. João. **Um século de moda**. São Paulo: D'Livros Editora, 2013.
- DONDIS. Donis. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- FIORIN. José Luiz. **Elementos da análise do discurso**. São Paulo: Contexto 2014
- HARRELL. Thomas, *Da pintura rupestre à fotografia*, 1995
- HOLLANDER. Anne, **O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996
- RAINHO. Maria do Carmo, **Algumas proposições a cerca da fotografia de moda**. Anais, 8º Colóquio de Moda, 2012.
- MARTINS. Carini, **Arte e moda: expressão da arte através da roupa**. Trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais. Críciúma: Unesc, julho/2010

PEZZOLO. Dinah, **Moda e arte**. São Paulo: SENAC, 2013

SALKELD. Richard, **Como ler uma fotografia**, São Paulo: Gustavo Gili, 2014

TOLSTOI. Leon. **O que é arte? a polêmica visão do autor de guerra e paz**. São Paulo: Ediouro, 2002.

TREPTOW. Doris, **Inventando moda planejamento de coleção**, São Paulo: Edição da Autora, 2013

Artandaustralia.com Acesso em 20/02/2016

Atopos.gr Acesso em 20/02/2016

Faroartese psicologia.blogspot.com.br Acesso em 20/02/2016

Luiz Braga luizbraga.com.br Acesso em 20/02/2016

Pinterest.com Acesso em 20/02/2016

Pinterest.com Acesso em 22/02/2016

Materialização:

Conceitual: Papel Manteiga com manuscritos da análise.









